

## **Livro de Enoque: uma chave hermenêutica para a compreensão de crenças cosmogônicas do cristianismo primitivo**

**Filipe de Oliveira Guimarães\***

---

**Resumo.** O livro pseudoepígrafe de I Enoque é de importância ímpar quando se busca a compreensão da epistemologia do cristianismo na sua história primitiva. O escrito, diferente da compreensão popular do mito diluviano, descreve o dilúvio como um acontecimento gerado pela corrupção de seres angelicais, seres humanos e dos descendentes homo-angelicais conhecidos como Nephilins. A pesquisa buscou trazer à tona algumas crenças cristãs acerca dos primórdios da humanidade que foram esquecidas na história, ou mantidas em segredo pela teologia, por vários séculos. Este descortinar é importante na medida em que dilata o arcabouço da compreensão das crenças cristãs na história, ampliando o conhecimento da mentalidade do cristianismo em seu primórdio, que é fruto da hermenêutica de seus líderes em diálogo com o Livro de I Enoque.

**Palavras-chave:** I Enoque. Anjos. Nephilins. Cosmogonia.

**Abstract.** The book of I Enoch is importance when seeking to understand the epistemology of Christianity in its early history. The writing, unlike the popular understanding of the flood myth, describes the flood as an event generated by the corruption of angelic beings, humans and homo-angelic offspring known as Nephilim. The research sought to bring to light some Christian beliefs about the origins of humanity that have been forgotten in history, or theology kept secret for centuries. This unveiling is important in that it expands the framework of understanding of Christian beliefs in history, expanding the knowledge of the mentality of Christianity in his prime, which is the fruit of hermeneutics of its leaders in dialogue with the Book of I Enoch.

**Keywords:** I Enoch. Angels. Nephilim. Cosmogony.

---

### **1 Introdução**

Recentemente, em dezembro de 2010, a revista *Veja* lançou um exemplar com uma matéria especial que tratava sobre a crença dos anjos na história cristã.<sup>1</sup> A edição revelou que pensamentos religiosos, e crenças espirituais, continuam em alta no imaginário de milhões de brasileiros, fazendo parte da vida tanto de cientistas como de analfabetos, anunciando que angelologia é um dos temas que encabeçam a lista de interesse dos brasileiros.

---

\* Pesquisador FAPESP, doutorando em Ciências da Religião pela UMESP. E-mail. [filipeoligui@gmail.com](mailto:filipeoligui@gmail.com)

<sup>1</sup> A capa da revista chama-se: O Anjo é POP: A história e as razões da moderna devoção aos eternos mensageiros de Deus, cultuados por cristãos, judeus e muçulmanos.

A matéria traça uma escala de evolução angelical mostrando, de um modo resumido, como os mesmos foram percebidos na história. Inclui, ainda, um comentário sobre hierarquia angelical. O artigo também cita o livro de Enoque, afirmando que entre os anos 200 a.C. e 200 d.C, os anjos assumem um papel central na literatura apocalíptica como se dá na literatura de Enoque.

Outro fato que corrobora ainda mais para o fortalecimento do argumento do interesse social no que tange a questões angelológicas, é o uso que a mídia televisiva está fazendo das imagens de anjos para apresentar produtos em comerciais. Neste ano uma marca de desodorante fez uso da figura de anjos (no comercial em questão anjas) para apresentar o poder de atração que o seu produto exerce.<sup>2</sup>

O comercial mostra um rapaz que está a usar a nova fragrância do desodorante e, de repente, anjas, sete no total, começam a cair do céu sobre a terra, mais especificamente na Itália. Elas caminham em direção ao rapaz, rendem-se a tentação da fragrância do desodorante e quebram suas auréolas. O gesto sugere que elas estão abdicando de sua natureza angélica para assumir uma natureza humana. O comercial é bem moderno em seus efeitos mais a idéia é bem enoqueana.

Uma breve leitura de Enoque revela ao leitor a ênfase angelológica presente no escrito, ao mesmo tempo que leva-o a mergulhar em um cenário no mínimo curioso. É algo parecido como ir ao zoológico para ver leões, elefantes e pássaros, mas ao chegar também se encontrassem dinossauros, tiranossauros e pteranodontes.

Poucos sabem que a Bíblia faz citações explícitas ao livro pseudepígrafe de I Enoque, como verificamos nos livros de Judas e II Pedro. Porém, o estudo daquele escrito é escasso na literatura teológica e das Ciências das Religiões no Brasil, apesar de podermos vislumbrar um interesse crescente de pesquisadores que estão curiosos em verificar a influencia do livro no cristianismo primitivo.

Diante desta constatação (a Bíblia citar I Enoque) naturalmente surgem algumas questões como: por que Judas e Pedro citam o livro de I Enoque? Como este livro era tratado pelos primeiros cristãos? Como os judeus e cristãos enxergavam I Enoque? Qual a influência que este livro exerceu na formação do imaginário judaico-cristão? Qual a visão cosmogônica dos primeiros cristãos? As respostas a estas perguntas são fundamentais para fundamentarmos nossa busca por um entendimento histórico mais

---

<sup>2</sup> O seu pacto celestial espatifando as suas auréolas celestiais no chão. O comercial é bem moderno, cheio de efeitos especiais, mas o enredo está vinculado a crenças milenares. O vídeo pode ser assistido no seguinte endereço eletrônico: <http://www.youtube.com/watch?v=ewtMfOLFYHI>

preciso acerca de crenças judaico-cristãs em seus primórdios, principalmente aquelas ligadas a questões angelológicas.

A pesquisa orientou-se pelo método exploratório e bibliográfico e teve como objetivo geral: resgatar compreensões de crenças angelológicas do cristianismo primitivo através de uma hermenêutica feita a partir da narrativa de I Enoque, o que nos levará a adquirir um melhor entendimento da epistemologia dos escritores bíblicos e uma crescente visão da cosmogonia e do imaginário presente no judaísmo arcaico e no cristianismo primitivo.

O artigo está estruturado da seguinte forma: No primeiro momento apresentamos a figura de Enoque e o livro. O passo seguinte foi a aproximação do Livro de Enoque à Bíblia visando interpretar alguns de seus textos a luz de narrativas de Enoque verificando o efeito hermenêutico que esta aproximação produz.

## **2 O personagem Enoque e o Livro de I Enoque**

Na Bíblia existem quatro personagens que possuem o nome de Enoque. O primeiro refere-se ao filho mais velho de Caim (Gn 4.17); O segundo ao filho de Jerede (Gn5.18); o terceiro ao filho de Midian(Gn 25.4) e a quarta referência é ao filho mais velho de Ruben (Gn 46.9). Todos eles aparecem no livro de Gêneses.

O livro de I Enoque tem como referência o segundo Enoque mencionado na Bíblia: o filho de Jerede. Sobre ele é dito que andou com Deus e não experimentou a morte, sendo trasladado. No Novo testamento Enoque é associado à figura de um profeta. Encontramos esta referência no livro de Judas, versículo 14.

I Enoque é classificado atualmente como uma literatura apocalíptica posto que tem como característica marcantes vários símbolos e visões, além de conter várias profecias referentes ao fim, e a inauguração de uma nova ordem celeste. O livro em si desperta a imaginação, seja do pesquisador ou até mesmo do neófito das escrituras.

O livro de I Enoque foi originalmente escrito em aramaico mas foi preservado totalmente na versão etíope possuindo aproximadamente 49 manuscritos. O interesse na publicação da obra iniciou-se no séc. XIX. A primeira edição do texto etíope foi realizada por R. Laurence em 1839, em seguida surge uma edição crítica realizada em 1851 por A. Dillmann e na seqüência, 1902, outra edição crítica surge fruto do trabalho de J. T. Milik. Em 1906 R. H. Charles apresentou a sua versão do livro de Enoque. No

ano de 1978 Michael Knibb lança uma edição etíope se valendo de textos aramaicos editados por J. T. Milk. (TERRA, 2010, p.8)

Segundo Terra (2010, p.8), também existem textos de I Enoque em grego. A versão grega esta presente em 4 textos: 1) Codex Panapolitanus descoberto em 1886 em Panápolis (Egito); 2) Codex Vaticanus, achado em 1809 e publicado por Card A. Mai em 1844; 3) Fragmentos conservados na Chronography de G. Syncellus; 4) Papiro Cherter Beatty-Michigan, um códice do séc IV.

Em aramaico existem apenas fragmentos encontrados entre os textos das cavernas de Qumran, próximo ao Mar Morto, cerca de 20 fragmentos foram encontrados. A datação destes apontam para o terceiro século a.C. percebendo-se que o Livro dos Vigilantes já circulava em língua aramaica desde esta época. Na década de 70, J. T. Milik editou os fragmentos aramaicos encontrado em Qumran. Para ele as mais antigas partes(ou livros) presentes em I Enoque (Livro dos Vigilantes e Livro Astronômico) são do período pré-macabaico. (REED, 2005, p.3)

Não se sabe ao certo o significado do nome Enoque. Algumas idéias são: treinado, iniciado, consagrado e mestre. Segundo a tradição judaica foi Enoque o iniciador de algumas das ciências como escrita, aritmética e astronomia. Ao que parece, tais informações devem ser percebidas apenas como folclóricas. (ANDRADE, 2002, P. 148)

É importante salientar que Enoque não é um único livro mas uma coletânea de 5 livros intitulados: Livro dos Vigilantes (1-36), Similitudes (37-71), Livro Astronômico (72-82), Livro dos Sonhos (83-90) e Epístola de Enoque (91-108). Dentro da Epístola de Enoque também existe o Apocalipse das Semanas (91:11-17; 93:1-10) que é tratado como uma seção independente.

O presente trabalho concentrou-se no livro dos Vigilantes que foi responsável em despertar o interesse do investigador para buscar aprofundamento da compreensão do Judaísmo e do Cristianismo em épocas primitivas. Textos bíblicos como, por exemplo, Judas versículo 14 que diz: “Quanto a estes foi que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: eis que veio o Senhor entre suas santas miríades” aguçaram a curiosidade do investigador, posto que é uma citação direta do Livro dos Vigilantes.

O início do segundo século a.C. até o fim do segundo d.C é considerado, pelos historiadores, o período áureo da apocalíptica nos círculos judaicos. Isto tem base nas

diversas obras e trechos apocalípticos escritos nesta época, a maioria extrabíblico. Vários desses trechos foram vinculados a grupos separatistas como por exemplo a comunidade de Qumran, famosa, principalmente, pelos manuscritos do Mar Morto. (DOCKERY, 2001, p.834)

Para Dockery (2001, p.834), em termos gerais, pode-se afirmar que a apocalíptica floresceu em épocas de dominação estrangeira, principiando com o exílio babilônico. Para ele, a era dos Macabeus e da perseguição aos cristãos pelo império Romano, serviram de contexto histórico semelhante. Logo após a segunda revolta judaica contra Roma em 135 d.C., ela entra em declínio e acaba desaparecendo depois do quarto século.

Segundo Dockery (2001, p. 834), apesar de possuírem diferenças significativas, existem várias características literárias comuns aos textos apocalípticos, bem como pode-se verificar um certo padrão relativamente uniforme no que tange ao pensamento teológico. Uma das principais características é que todas as obras apocalípticas recebem o nome de personagens bíblicos importantes. Outra característica é que estes textos são repletos de visões e simbolismos. É comum encontrarem-se, revelações, sonhos, visões, previsões do futuro, narrativa ou interpretações de anjos. Os escritores apocalípticos quando escrevem sobre o futuro não se referem a ele de uma maneira vaga, mas o descreve dentro de um contexto teológico apontando para a vinda do Messias, que irá irromper na história e libertar o seu povo da opressão vivida neste mundo concedendo-lhes justiça e felicidade eterna.

Também lhes são comuns a descrição de cenas dualísticas: Deus contra Satanás, céu e inferno, justos e ímpios, anjos e demônios. Outras fortes marcas presentes na apocalíptica são as descrições de guerras espirituais e do caráter soberano, justo e amoroso de Deus sobre a história, o incentivo a uma vida consagrada, a exortação a perseverança na fidelidade a Deus diante de grandes desafios, a apresentação do tempo do fim como uma época de muito sofrimento. De uma forma determinista pode-se perceber que a história caminha para o triunfo final de Deus. (DOCKERY, 2001, p.835)

De acordo com a maioria dos teóricos, I Enoque está situado na categoria de literatura apocalíptica, pois como foi anteriormente descrito, é marcado por símbolos, visões, expectativa messiânica, julgamento e recompensas divinas. Uma breve leitura de alguns de seus capítulos, já revela seu caráter. Existem várias cenas proféticas referentes

ao fim, e a inauguração de uma nova ordem celeste onde tudo se fará novo e a paz reinará após Deus exercer seu juízo.

Porém, existem divergências no que tange a origem das crenças descritas em I Enoque, principalmente as presentes no Livro dos Vigilantes. Este debate provoca o seguinte questionamento: será que as crenças presentes no Livro dos Vigilantes são fruto da era apocalíptica ou o que aconteceu naquele momento foi um reavivamento de uma crença antiga dado as circunstâncias históricas do momento, despertando o interesse de escribas e comunidades pela tradição enoqueana? Ao que parece, elas são bem anteriores a era apocalíptica.

O livro de I Enoque possui uma íntima ligação com o livro Gêneses, especialmente com a narrativa de Gn 6:1-4. Esta relação nos leva a outra pergunta: quem surgiu primeiro? Ou quem se apóia em quem? Existem teóricos que defendem que Enoque é de autoria mais antiga e outros defendem Gêneses como livro mais antigo.

Para Milik (1970, p.31), o livro de I Enoque é mais antigo que o texto bíblico. Nos anos de 1990, Sacchi(1990, p.178) esclareceu que Gn 6:1-4 é um simples sumário de uma obra maior, a longa história é encontrada em I Enoque 6-11. Em 1993, P. R. Davies também seguindo o mesmo caminho, afirmou que o texto de Gêneses pressupõe o conhecimento de Enoque.(KVANVIG, 2003, p.278)

A outra posição, que afirma ser Gêneses mais antigo que I Enoque, parte do pré-suposto que a narrativa de Gêneses é a porta de entrada para a formulação da história de Enoque. Alexandre (1972, p.60) disse que o texto de I Enoque 6-11 é um elaborado midrax de Gn 6:1-4.

Segundo Kvanving (2004, p.180) em um artigo mais recente, esta relação não é tão simplificada como propõe a maioria dos pesquisadores modernos quando afirmam ser Gêneses mais antigo que I Enoque. Para ele tanto Gêneses como Enoque estão se referindo a uma tradição ainda mais antiga do que eles, anterior ao que nós conhecemos. Ou seja, para Kvanving nem Gêneses depende de I Enoque nem I Enoque de Gêneses, supostamente, ambos se apóiam em outra fonte que é desconhecida.

Segundo Terra (2010, p.13) uma das propostas de divisão do Livro dos Vigilantes é a que divide o livro em três partes: Introdução (Capítulos 1-5); História dos Vigilantes (6-16) e Viagens de Enoque (17-36). Vanderkam (1984) divide o livre em cinco partes. Para ele a divisão mais didática é a que se segue:

1 – 5: Uma repreensão escatológica

6 – 11: História sobre a descida dos anjos e pecado

12 – 16: Enoque e a petição dos Vigilantes

17 – 19: Primeira jornada de Enoque

20 – 36: Segunda jornada de Enoque

Até o século IV d.C. era comum entre os cristãos a leitura do livro de I Enoque. Ele foi amplamente utilizado pelos Pais da Igreja, além de ser citado em diversos escritos judaicos anteriores a era cristã. Porém, após os Concílios de Éfeso e Cartago, que culminaram com a escolha dos livros que deveriam normatizar a fé cristã, este escrito começou a cair no esquecimento. O principal defensor da idéia de que o livro de Enoque não tinha importância foi o bispo Agostinho no século V.

Esta literatura nos revela um pouco da epistemologia dos apóstolos, como por exemplo, Judas (meio-irmão de Jesus) que cita tal escrito, bem como nos proporciona mais conhecimento sobre os primórdios do cristianismo, uma vez que, neste momento histórico, tinha-se abertura para lidar com outros escritos do judaísmo, sem achar que se estava bebendo de algo impuro aos olhos de Deus, podemos pensar que o escrito traz idéias que eram aceitas pelo próprio Cristo, que convivia com este escrito e nunca o censurou, pelo contrário, observamos que seus discípulos citavam Enoque sem sentimento de culpa e ao que tudo indica existem elementos nos evangelhos que apontam para o conteúdo de I Enoque.

I Enoque contém episódios que narram visões, comunicação com seres angelicais, viagens ao além, fala da identidade de anjos, narra a crise dos mesmos despertada por sua lascívia, sua reunião com a finalidade de abrirem mão do seu estado original para se relacionarem com as mulheres, conhecimentos espirituais que são transmitidos pelos anjos às suas mulheres, o nascimento de uma nova raça fruto da relação anjos-humanos, raça esta de gigantes denominada Nephilins, bem como da ira de Deus que culmina com a punição da raça humana através de um dilúvio e de outras formas de juízo para criaturas celestes.

O livro trás a nossa memória a mitologia grega que fala sobre deuses que se relacionavam com mortais gerando semi-deuses, só que no livro de Enoque, os “semi-deuses” são aberrações que afrontam o Criador provocando sua ira. Na verdade poderemos ir mais além e pensar a conexão do enredo com os sumérios posto que escritos de argila sumerianos falam de seres vindos do céu, ou mesmo com narrativas

egípcias que dizem que até a quarta geração eram os deuses quem geravam filhos nos humanos, como também textos indianos que discorrem sobre a invasão de outros seres a este mundo. Para Flávio Josefo os deuses dos gregos são os mesmos de Gêneses. Uma outra narrativa que lembra o enredo de I Enoque é história da suposta civilização de Atlântida que foi destruída por um dilúvio por causa da desobediência aos deuses.

Os judeus atribuíam o conteúdo do livro a Enoque um dos ancestrais de Noé. A Bíblia menciona Enoque em Gêneses 5.18-24:

Jarede viveu cento e sessenta e dois anos e gerou a Enoque. Depois que gerou a Enoque, viveu Jarede oitocentos anos; e teve filhos e filhas. Todos os dias de Jarede foram novecentos e sessenta e dois anos; e morreu. Enoque viveu sessenta e cinco anos e gerou a Metusalém. Andou Enoque com Deus; e, depois que gerou a Metusalém, viveu trezentos anos; e teve filhos e filhas. Todos os dias de Enoque foram trezentos e sessenta e cinco anos. Andou Enoque com Deus e já não era, porque Deus o tomou para si.

Outra citação ao nome de Enoque pode ser encontrada no livro de I Crônicas capítulo 1:1-4, referindo-se aos primeiros descendentes de Adão: “Adão, Sete, Enos, Cainã, Maalalel, Jerede, Enoque, Metusalém, Lameque, Noé, Sem, Cam e Jafé.” É possível identificar que Enoque aparece como ancestral de Jesus no evangelho de Lucas capítulo terceiro versículo trinta e sete: “Lameque, filho de Metusalém, Metusalém, filho de Enoque, Enoque, filho de Jarede, este, filho de Maalalel, filho de Cainã”.

O escritor do livro bíblico de Hebreus também faz menção ao personagem Enoque no capítulo 11.5: “Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte; não foi achado, porque Deus o trasladara. Pois, antes da sua transladação, obteve testemunho de haver agradado a Deus.”

Sempre que os escritores bíblicos fazem menção a Enoque o fazem de uma maneira positiva. Como um homem que agradou a Deus e teve uma relação profunda com Ele. Segundo o texto bíblico Enoque é fruto da linhagem de Sete, filho de Adão e Eva, que assumiu o lugar de Abel morto por seu irmão mais velho Caim. Ele era filho de Jerede e pai de Metusalém homem que, segundo o relato bíblico, viveu mais anos sobre a face da terra.

Enoque é apresentado como um homem notável por causa da sua intimidade com Yahveh, viveu cerca de 365 anos e “andou com Deus”, o que significa que levou uma vida justa, a serviço de Yahveh, não experimentando a morte, sendo trasladado, ou removido da terra para a presença de Deus

Este livro é chamado de I Enoque devido a existência de outros dois livros. Eles



são conhecidos como Segundo Enoque e Terceiro Enoque, ambos considerados de importância inferior. Apesar de não fazer parte do canon judaico nem do canon cristão é sabido que I Enoque está inserido em uma das mais antigas versões bíblicas: a copta (versão que era usada pelos etíopes). Outro fato interessante está no uso que alguns pais da igreja faziam do mesmo, quando desejavam alertar os fieis sobre o perigo da desobediência a Yahveh. (FRANCISCO, 2003, p.76).

### **3. Enoque: uma proposta hermenêutica para compreensão de textos bíblicos**

A narrativa do Livro dos Vigilantes apresenta os filhos dos céus como sendo anjos. Tal proposta também pode ser deduzida na Bíblia no relato de Gn 6.2: “vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram.” Na modernidade, a maioria dos teólogos afirmam que os filhos de Deus é uma referência aos descendentes de Sete, a linhagem que Deus teria escolhido a fim de gerar o povo judeu, a nação eleita. Então, quando se caminha por esta interpretação, a idéia que se estabelece é que o povo de Deus (descendentes de Sete) desobedeceu sua ordem ao se contaminar com outros povos.

Porém, esta compreensão está mais distante da realidade proposta no texto bíblico. A própria Bíblia apresenta os filhos de Deus como sendo uma referência a anjos e não a homens. No livro de Jó 1:6 encontramos um relato referente aos anjos que se apresentam diante de Deus, como quem vai prestar relatórios ou receber ordens dEle. O texto diz: “Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o SENHOR, veio também Satanás entre eles.” Outra referência se encontra em Jó 2:1: “Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o SENHOR, veio também Satanás entre eles apresentar-se perante o SENHOR.” (grifos do autor)

Ainda no livro de Jó encontramos um diálogo entre Deus e Jó. Neste diálogo o personagem Jó é questionado sobre sua origem quando Deus estava fundando a Terra e os anjos cantavam. O episódio se encontra no capítulo 38:4-7:

Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Dizemo, se tens entendimento. Quem lhe pôs as medidas, se é que o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel? Sobre que estão fundadas as suas bases ou quem lhe assentou a pedra angular, quando as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus? (grifos do autor)

Através dos próprios textos bíblicos podemos chegar a conclusão que o termo “filho de Deus” ou “filhos dos céus” também pode ser uma referência direta a anjos.

Assim, em se tratando de Gn 6:2, a crença era que anjos escolheram, dentre as filhas dos homens, esposas para si, abdicando de seu estado original. É importante perceber, no texto de Enoque, que o interesse dos anjos pelas filhas dos homens não se restringia a questões sexuais, eles desejaram compor uma família e selar o matrimônio com filhos. “Vinde, selecionemos para nós mesmos esposas da progênie dos homens, e geremos filhos.” (Enoque 6:2)

O principal responsável em incitar a rebelião angelical foi um sentinela chamado Samyaza, que a princípio temeu tomar esta decisão sozinho. “Eu temo que talvez possais indispor-vos na realização deste empreendimento” (1 Enoque 6:3). A narrativa também mostra a consciência que os anjos possuíam sobre o assunto. Samyaza diz: “e que só eu sofrerei por tão grave crime”. Eles tinham consciência que tal atitude iria causar-lhes sofrimento e que, também, era um grande erro, mas, mesmo diante da consciência, estavam dispostos a lidar com as conseqüências.

Após terem firmado o pacto, “mútuo juramento”, vão a diante em seu empreendimento e tomam mulheres, as que acharam mais belas dentre todas. O texto de Enoque diz que foram cerca de 200 anjos e 18 “prefeitos” (os chefes principais). A narrativa aponta para o lugar do pacto como sendo o monte Hermom. Talvez seja por causa desta crença que este monte esteja bem presente na mentalidade judaica.

Se por uma lado a beleza das mulheres encantaram estes anjos, por outro eles foram responsáveis em ensinar feitiçaria para as mulheres. “Ensinando-lhes sortilégios, encantamentos, e a divisão de raízes e árvores” (I Enoque 6:10). Segundo I Enoque, os vigilantes foram responsáveis em disseminar conhecimentos e práticas que deveriam ser oculta aos humanos.

O resultado da relação “anjo-humana” foi a geração de uma raça híbrida de gigantes (nephilins). O relato de Gn 6 nos dá a idéia de que mesmo antes da queda dos anjos (entenda-se queda como perda da qualidade original) já existiam gigantes na terra. Porém, os gigantes fruto desta nova relação eram seres mui valentes: “Ora, naquele tempo havia gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos; estes foram valentes, varões de renome, na antiguidade.” (Gn 6:4)

Um dos anjos que recebe destaque no livro de 1 Enoque é Azazel, um dos chefes dos vigilantes. À ele é atribuída a responsabilidade de ensinar a arte de fabricar armas de guerra e utensílios para embelezamento, além da violência que foi ampliada a

fornicação aumentou no planeta Terra.

Azazel ensinou os homens a fazerem espadas, facas, escudos, couraças, espelhos e a manufatura de braceletes e ornamentos, o uso de pinturas, o embelezamento das sobrancelhas, o uso de todo tipo selecionado de pedras valiosas, e toda sorte de corantes, para que o mundo fosse alterado. A impiedade foi aumentada, a fornicação multiplicada; e eles transgrediram e corromperam todos os seus caminhos. (1 Enoque 7:1-2)

O capítulo 7 ainda nos apresenta uma lista de outros anjos e as práticas que eles foram responsáveis em introduzir entre os humanos: “Amazarak ensinou todos os sortilégios, e divisores de raízes: Armers ensinou a solução de sortilégios; Barkayal ensinou os observadores das estrelas, Akibeel ensinou sinais; Tamiel ensinou astronomia; e Asaradel ensinou o movimento da lua” (1 Enoque 7:3-8). O resultado foi “que as almas daqueles que estão mortos clamam e queixam-se até ao portão do céu.” (1 Enoque 8:10,11)

O personagem Enoque é apresentado no texto como um homem que foi chamado por Deus para anunciar profeticamente a sentença contra vigilantes. Ao que parece, a própria idéia de Deus chamar um homem para exortar aqueles que um dia foram anjos cheio de glória, já carrega em si uma conotação de humilhação para os Sentinelas.

E o Senhor me disse: Enoque, escreva da retidão, vai e diz a Sentinelas dos céus que desertaram o alto céu e seu santo e eterno estado, os quais foram contaminados com mulheres. E fizeram como os filhos dos homens fazem, tomando para si esposas, e os quais têm sido grandemente corrompidos na terra; Que na terra eles nunca obterão paz e remissão de pecados. (1 Enoque 12:5-7)

Enoque primeiramente pronuncia uma sentença contra Azazel e em seguida a todos os outros Vigilantes:

Enoque partiu e disse a Azazel: Não mais terá paz em ti. Uma grande sentença há contra ti. Ele te amarrará; Socorro, misericórdia e súplica não estarão contigo por causa da opressão que tens ensinado; E por causa de todo ato de blasfêmia, tirania e pecado que tens descoberto aos filhos dos homens. Então partindo dele, falei a eles todos juntos; E eles todos ficaram apavorados, e tremeram. (1 Enoque 13:1-5)

Outro texto que narra a prisão dos Sentinelas é 1 Enoque 9:15:

O Senhor disse a Miguel: Vai e anuncia seus próprios crimes a Samyaza, e aos outros que estão com ele, os quais têm se associado às mulheres para que se contaminem com toda sua impureza. E quando todos os seus filhos forem mortos, quando eles virem a perdição dos seus bem amados, amarra-os por setenta gerações debaixo da terra. (grifo do autor)

No Novo Testamento, encontramos passagens que referem-se a espíritos em prisão. Os textos encontram-se nas cartas escritas por Pedro e narram a punição dada aos Sentinelas e a descida de Jesus ao tártaro para pregar aos espíritos em prisão. Ao que tudo indica são passagens que fazem conexão com o livro dos Vigilantes. O texto de II Pe 2: 4-5 diz:

Ora, se Deus não poupou anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo; e não poupou o mundo antigo, mas preservou a Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas, quando fez vir o dilúvio sobre o mundo de ímpios.

O fragmento nos mostra a conhecimento que Pedro tinha sobre o pecado de anjos e sua punição em forma de aprisionamento. Pedro diz ter sido no inferno (tártaro) que eles foram aprisionados. Esta palavra só ocorre esta vez no texto bíblico e é a mesma palavra que aparece no texto de I Enoque 20:2. O que revela que Pedro está resgatando o narrativa do livro de I Enoque que fala que os vigilantes foram amarrados “debaixo da terra”, antes que o dilúvio viesse sobre ela.

No texto de I Pe 3:18-20 encontramos o discurso de Pedro sobre a descida de Jesus ao tártaro:

Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais, noutro tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvos, através da água.

Pedro, mais uma vez, está fazendo alusão aos vigilantes que foram aprisionados em trevas e, portanto, estariam sem contato com nada, como relata I Enoque. Mas qual o porquê da descida de Jesus a este lugar para pregar? Certamente que Pedro não estava se referindo a um tipo de pregação para salvação, consolo ou edificação dos vigilantes, ao ato de testificar sua vitória. A idéia que Pedro está querendo passar é que à todas as criaturas foi anunciada a vitória de Jesus. Às que estão no céu testemunharam, às que estão na Terra testemunharam e também às aprisionadas em trevas. Em todos os níveis foi anunciado o triunfo de Jesus.

Quando fazemos a leitura do texto de Gn 6:5-7, um questionamento natural que surge da leitura é: por que Moisés não falou da destruição dos gigantes no relato? Fala-se da destruição do homem, do animal, dos reptéis, das aves do céus, mas não se fala

nada da destruição de gigantes maus que estavam cometendo perversidades na Terra. O texto diz:

Viu o SENHOR que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração; então, se arrependeu o SENHOR de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração. Disse o SENHOR: Farei desaparecer da face da terra o homem que criei, o homem e o animal, os répteis e as aves dos céus; porque me arrependo de os haver feito. (Gn 6:5-7)

Em nenhum momento encontramos referência a destruição do mundo por causa de Nephilins. A resposta é que o dilúvio não era para destruir os gigantes, uma vez que eles já estavam destruídos. Ou seja, o juízo de Deus já tinha vindo sobre eles. No texto de 1 Enoque encontramos referências que falam da destruição dos Nephilins e por ela podemos concluir que eles iriam perecer através de uma guerra “nephilamita”. Em 1 Enoque 12:4-5, está escrito: “De agora em diante, nunca ascendereis ao céu; Ele o disse que na terra Ele vos amarrará, tanto tempo quanto o mundo existir. Mas antes destas coisas tu verás a destruição dos vossos bem-amados filhos(os nephilins); não os possuireis, mas eles cairão diante de vós pela espada” (parênteses e grifo do autor).

1 Enoque diz que Deus também envia Gabriel para destruir os filhos dos Sentinelas. Ele é responsável em fazê-los guerrear uns contra os outros. A morte dos filhos dos sentinelas, que causaria dor paterna aos Vigilantes, fora decretada como sentença do Criador para punir os pecados dos Sentinelas. (grifos do autor)

A seguir o Senhor disse a Gabriel: Vai aos maus, aos réprobos, aos filhos da fornicação; e destrói os filhos da fornicação, a descendência das Sentinelas de entre os homens; traga-os e excita-os uns contra os outros. Faça-os perecer por mútua matança; pois o prolongamento de dias não será deles. Eles rogarão a ti, mas seus pais não obterão seus desejos com respeito a eles; pois eles esperaram por vida eterna. (1 Enoque 9:13-14)

Pode-se deduzir o mesmo em relação ao fato de Gêneses 6 não ter relatado o dilúvio como juízo divino para punir os Sentinelas, posto que a sentença também fora diferente, ou seja, eles iriam presenciar a morte dos seus filhos (os nephilins) o que se deu antes do dilúvio, na guerra “nephiliana”, e, em seguida, seriam aprisionados de baixo da Terra. Miguel foi o responsável em transmitir a sentença a Samyaza e aos seus companheiros:

Depois o Senhor falou a Miguel: Vai e anuncia o castigo a Samyaza, e aos outros que estão com ele, os quais têm se associado às mulheres para que se contaminem com toda sua impureza. E quando todos os

seus filhos forem mortos, quando eles virem a perdição dos seus bem amados, amarra-os por setenta gerações debaixo da terra, mesmo até o dia do julgamento, e da consumação, até o julgamento, cujo efeito que dura para sempre, seja completado. Então eles serão levados para as mais baixas profundezas do fogo em tormentos; lá eles serão encerrados em confinamento para sempre. (1 Enoque 9:15-17)

#### 4 Considerações finais

Iniciamos esta pesquisa com algumas questões como: Por que Judas e Pedro citam o livro de Enoque? Como este livro era tratado pelos primeiros cristãos? Como os judeus enxergavam Enoque? Qual a influência que este livro exerceu na formação do imaginário judaico-cristão? Qual a visão cosmogônica dos primeiros cristãos? A resposta é uma só: o livro de I Enoque era uma das chaves principais para os judeus e cristãos da era primitiva fundamentarem sua cosmogonia.

Através de I Enoque resgatamos crenças do cristianismo primitivo, bem como do judaísmo, como por exemplo: As duas quedas angelicais, os anjos que foram aprisionados em correntes, a queda de Jesus ao hades, o bode solto a Azazel (prática judaica antiga), a raça de seres híbridos chamados Nephilins, a origem de espíritos maus, a origem da feitiçaria, da astronomia, etc..

Chegamos ao final deste artigo convictos da importância do escrito para o aprofundamento da hermenêutica Bíblica. Sem o uso deste escrito várias lacunas ficam abertas no estudo bíblico e respostas superficiais são produzidas. O livro fornece bases mais concretas para o entendimento da cosmogonia judaico-cristã primitiva, além de aprofundar o entendimento de uma temática não tão explorada pela teologia na atualidade que é a angelologia.

#### Referências

- ANDRADE, Claudio. *Judas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2ª ed, 2002;
- ALEXANDRE, P. S. The Targumim and Early Exegesis of ‘Sons of God’ in Genesis 6. *Journal of Jewish Studies* 23, 1972.
- DOCKERY, David S. *Manual Bíblico*. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia Hebraica: Introdução ao Texto Massorético*. SP: Edições Vida Nova, 2003.
- KVANVIG, H.S. Gen 6,3 and the watcher story. *Henoch* 25, 2003.

KVANVIG, H.S. The Watcher Story and Genesis an Intertextual Reading. *Scandinavian Journal of the Old Testament* 18, 2004.

MILIK, J. T. *The books of Enoch*. Aramaic Fragments of Qumran Cave 4. Oxford, Clarendon Press, 1970.

REED, Annette Yoshiko. *Fallen Angels and the History of Judaism and Christianity. The Reception of Enochic Literature*. New York, Cambridge University Press, 2005.

TERRA, Kenner Roger Cazotto. *De guardiões a demônios*. A história do imaginário do Pneuma Akatharton e sua relação com o mito dos vigilantes. 2010, 144p. Dissertação(Mestrado em Ciência da Religião). Universidade Metodista de São Bernardo do Campo.

VANDERKAM, James C. *Enoch and the Growth of an apocalyptic Tradition*. CBQMS 16. Washington, DC: CBA, 1984.